

Academia Brasileira de Letras abre as portas aos espíritas

CLÁUDIA SANTOS

A Academia Brasileira de Letras, entidade literária mais importante de nosso País, localizada no centro do Rio de Janeiro (RJ), recebeu pela primeira vez, em 13 de maio, centenas de espíritas para um feito inédito: o lançamento de um livro

de cunho espírita. “Rompemos uma parcela de preconceito”, comemorou Paulo Roberto Viola, 61, advogado, jornalista e autor de *Dom Pedro II e a Princesa Isabel, uma Visão Espírita-Cristã do Segundo Reinado*. **Página 3**

Fotos: Divulgação



Pelo menos 300 pessoas foram à Academia prestigiar o lançamento do livro de Viola



Cicero Sandroni, presidente da ABL, e a historiadora Sylvania Damazio e o autor do livro

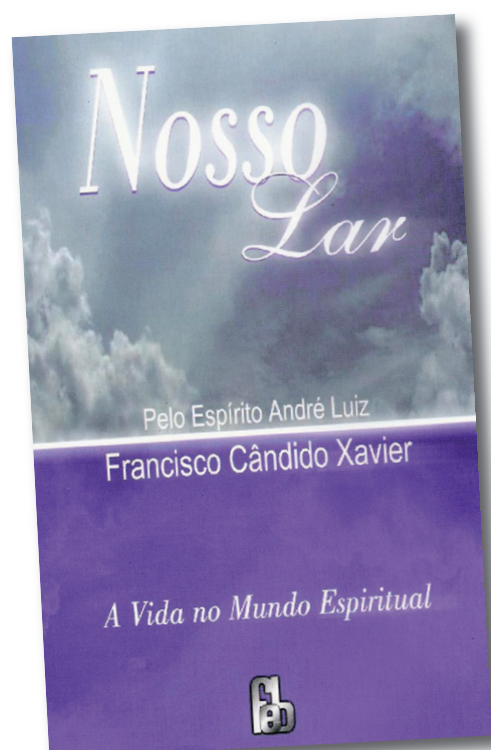
Integração dos modelos terapêuticos

Benedito Valvassouras



Peixinho: “A espiritualidade já é estudada em universidades; o que falta é uma organização prática”

O médico André Luiz Peixinho, 56 anos, graduado também em Filosofia e Psicologia, fala, em entrevista à *Folha Espírita*, sobre o tema Integrando os Modelos Terapêuticos numa Perspectiva Evolucionista, que apresentou na Medinesp, o congresso da Associação Médico-Espírita, ocorrido em junho de 2007. **Página 4**



Nosso Lar

No quinto e sexto capítulos de *Nosso Lar*, André Luiz tem o corpo espiritual examinado, constata as lesões nos intestinos, com vestígios claros do câncer, as dilacerações na região do fígado e o esgotamento prematuro dos rins. O doente confessa saber que devia esses distúrbios à sua própria conduta terrena. Cláudio lhe explica que a vida no plano espiritual não é diferente da vida na Terra, mas somente o entendimento e a resolução dos problemas. **Página 5**

Espaço do leitor

O corpo do médium atravessaria paredes?
Página 4

Timidez na infância

Cristiane Ribeiro Assis
Página 6

Verticalização

Richard Simonetti
Página 7

Usando o tempo



W.A. Cuin
Página 7

Pergunta que não se cala

Fernando Os
Página 7

ASSOCIAÇÃO JURÍDICO-ESPÍRITA DE SÃO PAULO

O que queremos

EDUARDO FERREIRA VALÉRIO

O que queremos é auxiliar o profissional do Direito espírita a posicionar-se, em seus trabalhos jurídicos, de acordo com os princípios cristãos e humanitários defendidos pelo Espiritismo. **Pág. 3**

Emmanuel entre nós

GERALDO LEMOS NETO

No último livro publicado ano passado, de autoria do espírito de Emmanuel, da psicografia ainda inédita de Chico Xavier, cujo título é *Deus Conosco*, da Vinha de Luz Editora, à página 43, sobre as vidas sucessivas de Emmanuel, encontramos os relatos do próprio Chico Xavier sobre a reencarnação de seu benfeitor espiritual no início do século XXI. Com a partida do médium, nós nos sentimos órfãos, desamparados, mas tal informação, que reproduzimos aqui, nos traz conforto e a certeza de que Emmanuel já se encontra entre nós. **Página 5**

Divaldo Franco - humanista e médium espírita

A Versátil Vídeo Spirite está lançando Divaldo Franco – Humanista e Médium Espírita, documentário de longa-metragem, sobre a trajetória de vida de Divaldo, em caixa especial, com dois DVDs, que traz também mais de três horas de vídeos extras e legendas nos idiomas inglês, francês, espanhol e português. A direção é do pesquisador Oceano Vieira de Melo e a narração do ator Ednei Giovenazzi, com produção filmada em grandes cidades do mundo, como Nova Iorque, Paris, Lyon, São Paulo, Viena, entre outras. O DVD está à venda em livrarias e lojas de todo o Brasil. Outras informações pelo telefone (11) 3670-1960 ou no site www.dvdversatil.com.br



Perdão: necessidade fundamental do homem

FÁTIMA BARBOSA / CLÁUDIA SANTOS

Classificado pelos dicionários como o ato de desculpar, perdoar é mais do que um simples verbo. É uma das necessidades fundamentais do homem. **Pág. 8**

Inédito

Academia Brasileira de Letras abre as portas para os espíritas

CLÁUDIA SANTOS

A Academia Brasileira de Letras, entidade literária mais importante de nosso País, localizada no centro do Rio de Janeiro (RJ), recebeu pela primeira vez, em 13 de maio, centenas de espíritas para um feito inédito: o lançamento de um livro de cunho espírita. “Rompemos uma parcela de preconceito”, comemorou Paulo Roberto Viola, 61, advogado, jornalista e autor de *Dom Pedro II e a Princesa Isabel, uma Visão Espírita-Cristã do Segundo Reinado*.

De acordo com Viola, o presidente da Academia, Cícero Sandroni, 72, que, quando assumiu, havia prometido uma entidade “mais popular”, com “sua abertura para a sociedade como destacado centro cultural e de debates”, recepcionou o Movimento Espírita com simpatia. “O acontecimento se deu por uma deferência especial de Sandroni, que me conhecia e, ao tomar conhecimento do conteúdo do livro, fez o convite para que fosse lançado na Academia”, explica Viola. “Foi algo especial, a Academia abrir suas portas para o lançamento do livro, em um momento em que ocorre uma série de eventos em comemoração aos 200 anos da vinda da Família Real ao Brasil. Foi muito democrático”, completa.

Na Academia, segundo o autor, na qual compareceram pelo menos 300 pessoas, *Dom Pedro II e a Princesa Isabel, uma Visão Espírita-Cristã do Segundo Reinado* vendeu o dobro da média normal de outros lançamentos da Academia. “Tomamos conhecimento de que o local escolhido veio por ordem do plano espiritual e que a data, 13 de maio, também foi apontada pelas vibrações intensas que a circulam”, revela Viola.

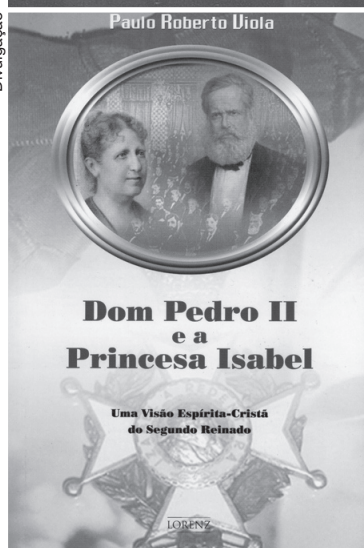
Inspiração

Publicado pela Editora Lorenz, a obra inspira-se no livro *Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de Chico Xavier, e é, justamente, uma homenagem a seis imortais da Academia Brasileira de Letras: Humberto de Campos, Manoel de Araújo-Porto Alegre, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Castro Alves e Joaquim Manuel de Macedo, personagens que, de acordo com o autor, foram evoluindo na trajetória do Segundo Reinado e integrantes das equipes missionárias de Dom Pedro II, assim como abolicionistas, em sua maioria. Além disso, amplia a informação trazida por Humberto de Campos, na obra citada, em que mostra que tanto Dom Pedro II quanto a Princesa Isabel vieram com uma missão específica de libertar uma raça. “As informações do meu livro vêm de *Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, o holofote principal de Chico Xavier, mas também de muitas pesquisas feitas em arquivos públicos no

Divulgação



Eduardo Portela, um dos imortais da Academia, Celso Martins, escritor, e Paulo Roberto Viola, autor do livro em destaque



“ Vista sob a prisma da Literatura Espírita, a história do Imperador e da Princesa conduz o observador a uma sublime veneração, pois ambos prosseguem, no Além Superior, libertando os escravos e oprimidos do Espírito, que se debatem na noite sombria do equívoco e do sofrimento ”

Rio de Janeiro, como a Biblioteca Nacional, além de inspiração”, conta o escritor.

A idéia de escrever sobre o assunto surgiu, de acordo com Viola, em decorrência de uma pesquisa para fins jornalísticos e da informação, como resultado, de que a Princesa Isabel teria perguntado ao Barão Santo Ângelo, uma figura expressiva da Corte e espírita declarado: - *Quem é meu espírito protetor?* “Isso está em uma carta que ele enviou ao amigo e confidente Joaquim Manuel de Macedo, professor das filhas da princesa, oito anos após o surgimento do Espiritismo. Nela, ele se diz um espírita apaixonado, fala das psicografias que recebia de Gonçalves Dias e ensina como se comunicar com os desencarnados, tudo em um padrão de linguagem muito elevado. Encontra-

mos a carta lá, no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro”, informa.

Foi durante essa pesquisa nos arquivos públicos do Rio de Janeiro que o autor se deparou com um livro publicado por Bezerra de Menezes em que se declarava abolicionista e explicava o porquê da importância de se acabar com a escravidão no Brasil. A descoberta acabou gerando outro livro, já lançado, e que está em sua segunda edição: *Bezerra de Menezes, o Abolicionista do Império*. “Agradeço muito à Fundação Biblioteca Nacional, que nos ajudou muito”.

Dom Pedro II e sua filha, a Princesa Isabel, reencarnaram com uma missão especial? Paulo Roberto Viola - Segundo psicografia de

Chico Xavier, na obra de Humberto de Campos, Jesus recebeu o espírito reencarnante de Pedro de Alcântara e indagou se ele estava preparado para a grande missão na Pátria do Evangelho. Dom Pedro acena com a cabeça dizendo que sim e é advertido de que seus últimos dias seriam extremamente dolorosos. A humilhação e a ingratidão cairia sobre a Família Imperial. E assim foi. Dom Pedro veio com a força do Mestre Jesus. Embora tivesse de seguir o Catolicismo, não possuía religião. Mas era admirador das artes, ciência e filosofia. Participava, com muito prazer, de conferências sobre Homeopatia, geralmente proferidas por espíritas. Espíritas chegaram a procurá-lo, pedindo liberdade de crença, por conta de perseguições policiais. Ele garantiu que essa liberdade seria promovida pela Coroa. Humberto conta, ainda, no livro que Jesus chamou a atenção do imperador pelo único erro que parece ter cometido em 50 anos, que foi a invasão do Uruguai. Jesus teria dito a ele, quando este caiu em sonolência, que seu erro custaria caro à Pátria do Evangelho. Mas prometeu que, se cumprisse sua missão, não mais voltaria à Terra. O imperador era muito simples e de muita sensibilidade. E isso se repetiu em sua filha, a Princesa Isabel. Ele, que se dedicou tanto ao Brasil, morreu no exílio, pobre e sustentado por amigos.

Houve interferência para a abolição da escravatura?

Viola - A revelação espírita nos dá conta que sim. O Brasil foi o último país do continente a acabar com ela, chamada de lepra, por Bezerra de Menezes. Sabemos que o anjo Ismael organizou os espíritos reencarnantes que trabalhariam contra ela. Dom Pedro II foi acusado injustamente de ter feito corpo mole com a abolição da escravatura.

* O livro *Dom Pedro II e a Princesa Isabel, uma Visão Espírita-Cristã do segundo Reinado* pode ser adquirido nos sites das Livrarias Cultura e Galileu, que o disponibilizam para qualquer parte do Brasil (www.livrariacultura.com.br e www.livrariagalileu.com.br). Outras informações, com a Editora Lorenz, pelo telefone (21) 2221-2269 ou e-mail editora_lorenz@uol.com.br

* Outros livros do autor: Francisco de Paula, *o Eremita da Caridade* (vida e obra, à luz do Espiritismo, do patrono da Congregação Espírita Francisco de Paula, no Rio); *Lambari como Eu Gosto de Você* (uma biografia do pai); *Poesias e Mais Poesias* (publicado no tempo em que era estudante de Direito) e *Bezerra de Menezes, o Abolicionista do Império*.

Como vejo a Associação Jurídico-Espírita de São Paulo

EDUARDO FERREIRA VALERIO

Integro a Comissão Provisória que está organizando a Associação Jurídico-Espírita de São Paulo (AJE/SP). A respeito da matéria publicada na edição de 19 de maio, na *Folha de S. Paulo* (Associação quer Espiritualizar o Judiciário) e editorial em *O Estado de S. Paulo* (O Espiritismo nos Tribunais), em 25 de maio, esclareço que nossa entidade, ainda em processo de criação, não discutiu e, portanto, nada deliberou acerca da utilização de cartas psicografadas como meio de prova em processos judiciais. Este é um, dentre tantos temas que podem e devem ser discutidos à luz da Doutrina Espírita.



Ao contrário do que se extrai da matéria do jornal, no entanto, a AJE não está sendo criada para defender o valor probatório da psicografia nem tem posição oficial a respeito do assunto. Seus integrantes, obviamente, possuem opiniões pessoais sobre o assunto, já que todos são espíritas e profissionais do Direito. E, talvez, tais posições sequer sejam unânimes ou coincidentes!

A minha, por exemplo, é de ver a utilização da psicografia nos tribunais com enorme cautela, já que o fenômeno mediúico (acerca do qual não tenho qualquer dúvida) é de difícil controle quanto à sua autenticidade. Exceto quando produzido por médiuns de inquestionável educação mediúica (como

Chico Xavier), tal fenômeno estará sempre sujeito a graves interferências, mesmo quando o médium trabalha honestamente e com boa vontade.

Portanto, penso que as cartas psicografadas devam ser aceitas como mais um elemento de prova, a serem sopesadas pelo juiz (ou jurados, se no Tribunal do Júri), à luz do princípio da livre

I. O que não se pretende com a AJE-SP:

- Fazer prosélitos, isto é, converter pessoas, no âmbito dos operadores do Direito, ao Espiritismo;
- Ensinar Doutrina Espírita, divulgando os postulados doutrinários;
- Transformar o exercício profissional dos operadores do Direito em prática religiosa formal;
- Substituir a legislação humana por princípios religiosos ou espíritas, pugnando pela inaplicabilidade da lei positiva em favor de postulados do Espiritismo;
- Introduzir práticas e conceitos espíritas nas instituições do Estado;
- Ameaçar ou desrespeitar a natureza laica do Estado.

II. O que se pretende:

- Auxiliar o operador do Direito espírita a posicionar-se, em seu exercício profissional, com base nos valores humanistas e cristãos do Espiritismo;
- Auxiliar o operador do Direito do espírita a crescer moral e espiritualmente com sua prática profissional, transformando-a em alavanca de seu progresso individual;
- Contribuir para que o profissional do Direito, ainda que não espírita, se inspire nos valores universais de irrestrito respeito ao homem, consagrado pela Doutrina Espírita;
- Valorizar, na prática da Justiça, o ser humano, incluindo-o no centro das relações jurídicas, em substituição ao dinheiro e ao mercado;
- Externar a maneira humanista com que o Espiritismo vê o mundo, humanizando as relações sociais em geral e as questões da justiça em particular;
- Contribuir para que se dê trato jurídico a valores humanistas, como solidariedade, boa-fé, honestidade, etc., propiciando a humanização do cumprimento e da interpretação da lei humana.

* Eduardo Ferreira Valerio é promotor de Justiça em São Paulo

MEDINESP 2007
150 anos em busca da integração
corpo-mente-espírito

**ADQUIRA JÁ
OS DVDS DO MEDINESP 2007.**

Acesse www.amebrasil.org.br/medinesp2007
ou ligue (11) 5585-1703



Medinesp 2007 – 150 anos em busca da integração corpo-mente-espírito

Integração dos modelos terapêuticos na perspectiva evolucionista

ISMAEL GOBBO
igobi@uol.com.br

O médico André Luiz Peixinho, 56 anos, é graduado também em Filosofia e Psicologia, neste caso, com especialização em Psicologia Clínica, mestrado em Medicina Interna e doutorado em Educação. Atualmente, é professor adjunto da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. No Medinesp, o congresso da Associação Médico-Espírita, ocorrido em junho de 2007, ele tratou do tema Integrando os Modelos Terapêuticos numa Perspectiva Evolucionista, sobre o qual conversou com a Folha Espírita:

Folha Espírita – Quais os modelos terapêuticos que devem ser integrados, para atender a saúde das pessoas, levando-se em consideração o espírito?

André Luiz Peixinho – Considero que é importante integrar, primeiro, as áreas do conhecimento, ou seja, a filosofia, a ciência, a religião e a arte. Se fizermos isso, veremos que em todos os campos existe um modelo terapêutico que leva em consideração o espírito. Precisamos aproveitar todas as experiências humanas e, na verdade, alinhá-las conforme o estágio evolutivo em que elas se encontram. A partir daí, então, devemos escolher os modelos que são mais adequados para cada situação, para cada pessoa, e para cada momento cultural e histórico. Então, todos os modelos hoje existentes, mesmo os fragmentários, podem servir, desde que contenham uma idéia diretora e organizadora das suas propostas.

FE – Por que muitos profissionais ainda resistem a essa integração?

Peixinho – Em primeiro lugar, porque cada um, ao trabalhar num determinado modelo, acostuma-se a ver a sua realidade como se fosse um todo. Então, define o mundo a partir de sua própria experiência, generalizando indevidamente. Este parece ser o motivo principal da resistência encontrada. Além disso, a comunicação entre os modelos ainda é difícil porque eles quase são incomensuráveis, isto é, lidam com realidades diferentes.

FE – Dentro de uma perspectiva evolucionista, é possível prever qual será o modelo terapêutico mais utilizado no futuro?

Peixinho – Eu não diria qual o modelo terapêutico, mas qual a idéia diretora que organizará os diferentes modelos terapêuticos. Uma das características é que ela leve em consideração que o ser humano é, ao mesmo tempo, um ser coletivo, porque é humano, e, ao mesmo tempo, individual, singular e único, porque está em fase evolutiva diferente. Uma segunda característica é considerar relevante a multidimensionalidade do ser humano. Há aspectos da saúde que são biológicos, sociais, psicológicos, afetivos, de um modo geral; há aspectos que são espirituais, mediúnicos, interexistenciais, palingenésicos. O modelo que conseguir integrar o maior número de dimensões e suas práticas terá mais chance de sucesso.

FE – O senhor acredita que os livros do professor de Física Quântica, Amit Goswami, têm trazido contribuição importante para essa integração? Que acrescentaria à contribuição dele?

Peixinho – Ele faz uma abordagem a partir da Física Quântica que desafia os profissionais da área de Saúde a praticarem a sonhada integração dos modelos. Isso é de extrema relevância, partindo de alguém que é de fora do campo, e constitui uma visão auxiliar muito importante. Ele consegue lidar, por exemplo, com a Medicina Ayurvédica, com a Homeopatia, a Acupuntura e com a Medicina Alopática. Não é a totalidade das possibilidades terapêuticas, mas é um significativo avanço tentar identificar uma estrutura comum para atuar com esses modelos. Além disso, falta uma perspectiva evolucionista na integração dos modelos supramencionados.

FE – O senhor tem feito palestras procurando difundir e aplicar o novo paradigma que visa à saúde do ser humano integral. Acredita que tem havido avanços na aceitação desse modelo?

Peixinho – É claro, acredito que tem havido muitas modificações culturais. Hoje, o tema espiritualidade já é estudado numa rede universitária; já temos algumas brechas na própria legislação, nos currículos de Medicina, de modo que o que falta agora é uma implementação, uma organização prática, para demonstrar a sua própria validade. Esse é o atual estágio em que estamos tentando nos organizar, lá na Bahia, com a instituição que fundamos, denominada Sociedade Hólon (SH).

FE – Que é a Sociedade Hólon?
Peixinho – A Sociedade Hólon é uma entidade sem fins lucrativos que desenvolve práticas profissionais com base na visão de mundo centrada no espírito. Por isso, atua em saúde e educação, por meio de seus centros de trabalho, todos eles voltados para a formação de estudantes de graduação e pós-graduação em parceria com universidades. Hoje, concentramos nossos esforços no Complexo Comunitário Vida Plena, que serve a uma

Benedito Valvassouras



“Falta validar o estudo da espiritualidade”

comunidade de duas mil pessoas, no Centro de Estudos Universitários, que realiza diversos cursos de transdisciplinaridade aplicada, e o Centro de Aperfeiçoamento da Pessoa, com atividades de autoconhecimento e percepção espiritual. Recentemente, publiquei o livro A Face Eterna do Ser, uma coletânea de artigos populares que enfoca o pensamento espírita e suas contribuições para o conhecimento transdisciplinar, baseado no espírito, que fundamenta as atividades da SH.

FE – Você vem falando sobre a necessidade de o médico levar em conta o diagnóstico psíquico do paciente e não apenas as sintomatologias físicas. Isso tem sido usado por muitos médicos?

Peixinho – Não, evidentemente, pois a maioria dos médicos trabalha em sua especialidade. Quando esses profissionais trabalham com exames psíquicos, são psiquiatras, e com os exames médicos biológicos, são clínicos, de um modo geral. O que estamos tentando fazer é reconstruir o exame médico para que os estudantes da atualidade tenham acesso a uma abordagem integrada, como hoje já recomenda o Ministério da Saúde, ou seja, um exame biopsicossocioambiental, pelo menos.

FE – O registro do diagnóstico psíquico pode fazer parte do prontuário do paciente, ao lado das anotações dos sintomas físicos?

Peixinho – Em algum momento, esse registro vai se tornar comum. Tanto as observações e informes mediúnicos de sensíveis como também as experiências de variações da consciência do próprio paciente serão de muita utilidade. Isso vai demandar um certo tempo, mas entendo que os espíritos poderão ser um grupo de pacientes que facilite isto, até porque reconhecem tais informações como válidas. Quando forem pacientes, poderão permitir que se integre a base mediúcnica no sistema diagnóstico, no sistema informacional, o que, sem dúvida, me faz antever um avanço significativo na qualidade da atenção à saúde.

FE – Você acha que a mediunidade curadora deve ser incentivada, nas nossas casas espíritas,

pela formação de grupos que visitem enfermos para orar e aplicar passes?

Peixinho – Já existe uma base científica, inclusive fora do meio espírita, para justificar esse tipo de prática. A teia de relações humanas melhora a qualidade de vida das pessoas. As terapêuticas espirituais e a elevação espiritual dos pacientes seguramente são causa de bem-estar, de aceitação do sofrimento, afóra os resultados de melhora psicofísica, já relatados na literatura especializada. Então, nesse aspecto, penso que isso já está justificado. Entretanto, há um campo que ainda não foi muito bem explorado, que é o da pesquisa interexistencial com produção diagnóstica, exames complementares, dentre outras. Seria interessante que nós, espíritas, tivéssemos, por exemplo, de alguma sorte, interlocutores-consultores que orientassem a terapêutica para uma visão evolutiva, para uma visão reencarnacionista, até porque algumas doenças orgânicas já são uma terapêutica para disfunções espirituais ou perispirituais. Essas informações melhorariam significativamente nosso cuidado com as pessoas.

FE – Tanto o senhor como muitos conferencistas internacionais falam em educação para a morte. Acredita que seria bom os médicos terem essa visão?

Peixinho – Penso que a educação para a morte não deve ocorrer apenas quando o evento esteja em vias de acontecer, porque, nessa circunstância, há pouco tempo para aprendizagem. Parece-me que o tema deve fazer parte dos currículos educacionais, de um modo geral. A morte é um evento esperado, variando para mais ou menos tempo. E, é claro, que ela desperta muita ansiedade, muita angústia existencial, num mundo que é eminentemente corporal e egóico. Assim, a educação para a morte deve ser voltada para o bem viver, processo do qual a morte é uma conclusão. Claro que atender os pacientes que chamamos de doentes terminais já é significativo, porém deveria ocorrer bem mais precocemente.

FE – Quais as contribuições mais importantes da Sociedade Hólon na produção de um modelo integral de atenção à saúde?

Peixinho – No estágio atual de sua organização, a Sociedade Hólon trabalha em algumas ações específicas preliminares. Entre elas, destacamos: um modelo de anamnesis biopsicossocioespiritual, com uma equipe interdisciplinar, num centro de saúde da família; um grupo de pesquisa anímica e mediúcnica para identificar sensíveis com capacidade diagnóstica e terapêutica; e um núcleo de estudos sobre saúde e transdisciplinaridade, para analisar os modelos de promoção, prevenção, terapia e reabilitação, e definição de um modelo integrativo.

* O e-mail de André Luiz Peixinho é andrepeixinho@bol.com.br



O corpo do médium atravessaria paredes?

Estudando o livro *Nos Domínios da Mediunidade* (capítulo 28: Efeitos Físicos) anotei o seguinte trecho, que fala sobre a possibilidade de o corpo físico do médium, tais quais os objetos, atravessar a parede e ser transportado de um lugar a outro: “- E se fosse o médium o objeto do transporte? Transpassaria a barreira nas mesmas circunstâncias? - Perfeitamente, desde que esteja mantido sob nosso controle, intimamente associado às nossas forças, porque dispomos entre nós de técnicos bastante competentes para desmaterializar os elementos físicos e reconstituí-los de imediato, côncios da responsabilidade que assumem”.

Em contrapartida, li, em *O Livro dos Médiuns*, comentário diferente do espírito Erasto sobre o mesmo assunto. Diz ele: “- É complexa esta questão. O Espírito pode tornar invisíveis, porém, não penetráveis, os objetos que ele transporta; não pode quebrar a agregação da matéria, porque seria a destruição do objeto. Tornando este invisível, o espírito o pode transportar quando queira e não o libertar senão no momento oportuno, para fazê-lo aparecer”.

Final, qual explicação estaria correta? A de André Luiz ou a de Erasto? (Edson, Grupo Espírita Luz e Paz, Belo Horizonte - MG)

Prezado Edson,

Quanto à comunicação de Erasto, há dois pontos a considerar. O primeiro deles: o médium por meio do qual ele transmitiu a resposta. Se o médium não tinha armazenado, em seu subconsciente, razoável patrimônio científico, adquirido em vidas passadas, certamente, Erasto não teria liberdade para transmitir o ensinamento na íntegra. O segundo ponto: é possível que Erasto, na época, não tivesse conhecimento científico abrangente, que lhe permitisse dominar esse assunto específico, o da integração e desintegração da matéria. No caso da segunda hipótese, não há desdouro nenhum para ele, porque a evolução da Física, com os conceitos de Einstein e os da Física Quântica só surgiram nas primeiras décadas do século 20. Isto, de modo algum, o diminui aos nossos olhos, porque sempre se revelou um dos mais seguros instrutores espirituais, na verdade, um dos baluartes da Terceira Revelação. Foi o próprio Kardec quem nos advertiu, com base nas suas experiências, que os espíritos não dominam todos os ramos do conhecimento humano, tendo em vista os seus estágios diversificados de conhecimento. Temos de levar em consideração, também, que os espíritos instrutores não poderiam trazer uma revelação que só viria no século seguinte; nós não teríamos capacidade para entendê-los. Assim, o maior ou menor volume de informações sobre determinados assuntos depende da nossa capacidade de absorção.

Não sei se reparou, mas há certas respostas, em *O Livro dos Espíritos*, sobre determinados assuntos, principalmente os científicos, que precisam ser complementadas com a leitura e o estudo de várias questões e não apenas de uma, para se ter uma idéia completa daquilo que os espíritos desejam transmitir. E isto se dá porque as lições foram transmitidas a Kardec, por uma equipe enorme de espíritos, cada qual com conhecimento variável nos campos da ciência, da filosofia e da religião.

Bem, por que estou dando razão à informação de André Luiz? Porque existe um livro, de autoria do pesquisador J.K Zölner, chamado Um Caso de Desmaterialização, em que há a descrição da desmaterialização das pernas e de parte do abdômen de um médium – este ficou pela metade durante a sessão de materialização. Depois, ele foi recomposto e voltou ao normal. O mesmo autor escreveu Provas Científicas da Sobrevivência. A desmaterialização foi constatada e contra fatos não há argumentos, não é mesmo?

Tenho um amigo com mediunidade de efeitos físicos que, algumas vezes, some da casa dele, no Ipiranga, em São Paulo (SP), para reaparecer, levado pelos espíritos, no Centro da cidade. Creio que, no caso dele, como ensina André Luiz, há desmaterialização e materialização. Embora o fenômeno ainda seja inexplicável, tudo indica que seja um fato real. A técnica é que são elas... Já pensou? Quando, nós, médicos, a soubermos utilizar? Adeus cirurgias invasivas e cruentas!... Quanta revolução vem por aí, quando começarmos a nos amar uns aos outros!

Abraço fraterno.

Marlene Nobre
Presidente das Associações
Médico-Espíritas do Brasil e Internacionais

CHICO E DIVALDO em sua casa

Promoção Chicó Xavier em sua casa Palestras dos 20 DVDs mais vendidos de Divaldo Franco

Por apenas: | R\$ 18,00 cada Por apenas: | R\$ 25,00 cada
Box com 5 CDs por: | R\$90,00

Assista à tvcei em outros idiomas (espanhol, inglês e francês) e coloque mais cultura espírita na sua vida.

www.tvcei.com
A primeira WebTV espírita do mundo
24 horas no ar

Timidez na infância: quando se preocupar?

CRISTIANE RIBEIRO ASSIS

A timidez é algo comum, entre as crianças. Ela ocorre porque os pequenos, muitas vezes, ainda não possuem o amadurecimento necessário para ter autoconfiança e enfrentar situações diferentes daquelas que estão acostumados. Não se trata de nenhuma doença, muito menos de um distúrbio de comportamento. Por isso, deve ser tratada com naturalidade. Contudo, os pais devem estar atentos a qualquer manifestação exagerada.

Uma criança com timidez exagerada é aquela que não se sente segura o suficiente para realizar algo que deseja, mesmo que seja uma ação simples do cotidiano. Por exemplo, ela pode ver um grupo de crianças brincando e, apesar da vontade de conversar com elas, não consegue. Ao se ver impedida de brincar, conversar e conviver espontaneamente, a criança acaba se entristecendo.

Assim, os especialistas entendem a timidez de duas formas distintas. A primeira, é aquela que apresenta qualquer criança, quando diante de algo novo. É apenas uma timidez inicial, a qual, quando superada, vai deixá-la mais forte e confiante. A segunda, conhecida como timidez intensa, é capaz de "travar" a criança, impedindo-a de conviver bem com o grupo social ao seu redor.

Segundo a psicóloga Juliana Andrade, "a timidez não tem uma causa específica. Na verdade, pode ser resultado de um processo de educação mais rígido por parte dos pais, uma profunda insegurança por parte da criança, pode ser porque ela sente o mundo

ao seu redor muito exigente e acha que não dará conta ou pode ser porque viveu em algum momento uma experiência ruim e o sentimento de fracasso se acumulou dentro dela".

O fato de os adultos não perceberem a timidez da criança, pode contribuir ainda mais para aumentá-la. É comum alguns pais forçarem o filho a fazer algo que não quer por estar com vergonha. Desatentos a esse fato, acabam desvalorizando seus sentimentos ao dizerem: "Deixa de ser bobo, não precisa ter vergonha". Juliana Andrade ensina que "os pais precisam aceitar as dificuldades de seus filhos e encontrar meios apropriados para que eles se fortaleçam".

Além das dificuldades sociais envolvidas na timidez intensa, o rendimento escolar também pode ser prejudicado. Será muito complicado para essa criança falar perante seus colegas de classe. Devemos lembrar que a criança tímida dificilmente consegue dizer para a professora que não entendeu algo e volta para casa cheia de dúvidas. Ela também pode ter dificuldades para trabalhar em grupo e, muitas vezes, isola-se, por vergonha de errar ou de não falar a coisa certa.

Nessa situação, os pais devem procurar os responsáveis por ela e tentar elaborar uma estratégia de ajuda. Por exemplo, quando seu filho for falar para a turma, é importante que ele goste e tenha conhecimento sobre o tema que vai apresentar. Assim, se sentirá mais seguro para se expor. Buscar a ajuda de um psicólogo é outra possibilidade que

auxiliará tanto o filho quanto os pais a trabalharem essa questão. É importante que os pais não tenham receio de procurar ajuda profissional por medo de serem julgados ou culpados. Essa não é a função do psicólogo. Ele apenas será uma parceria importante para eliminar o sofrimento de seu filho.

Não existe um tratamento específico para a timidez. Por essa razão, ela é cuidada da mesma forma que qualquer outra questão emocional. Segundo a psicóloga, "o que se trata é a dificuldade emocional que leva à timidez. A mesma dificuldade pode causar outros sintomas e, por esse motivo, não adianta atuar em cima do sintoma, mas, sim, de sua causa. Tratar apenas a timidez não elimina a dificuldade emocional por trás dela e, em pouco tempo, a criança pode apresentar algum outro sintoma". A timidez exagerada é apenas um indicador de que algo não vai bem emocionalmente com a criança, ou seja, é o reflexo de como seu mundo interno encontra-se fragilizado.

Para ajudar os pais a auxiliarem seu filho na superação da timidez, a psicóloga Juliana Andrade dá as seguintes dicas:

- Os pais nunca devem desconsiderar o sinal de timidez do filho, ou seja, não devem fingir que ela não existe, acreditando que assim a criança vai melhorar;
- Os pais precisam manter um canal aberto de comunicação com o filho e, quando perceberem que ele se sente tímido, conversar sobre o porquê

de estar inseguro. Permitirão, assim, que ele fale abertamente sobre seus medos. Dessa forma, os pais não só respeitam as dificuldades do filho como podem, juntos, encontrar um meio de melhorar a situação. Forçá-lo a fazer algo que não quer, tende a piorar a situação;

- Os pais precisam saber lidar com o filho como ele é e não como gostariam que fosse.

Essa última recomendação é muito importante. Por ser espírito que traz de outras encarnações suas próprias tendências, é normal que, em algum momento, a criança apresente atitude que, apesar de divergir da de seus pais, não é ruim ou repreensível. É apenas diferente. Se ela encontrar em seu lar o respeito a essas características próprias, certamente se sentirá mais segura para expô-las para as demais pessoas com as quais convive.

REFERÊNCIA: Revista *Primeiros Passos*, ano 2, n. 5.

* **Juliana Amaral de Andrade** é formada em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É psicanalista, formada pela Sociedade Brasileira de Estudos e Pesquisa da Infância (Sobepi) e psicopedagoga, formada pelo Centro de Estudos Psicopedagógicos do Estado do Rio de Janeiro (Ceperj).

Cristiane Ribeiro Assis é ginecologista e obstetra, com especialização em Medicina Fetal, e autora do livro *Gestação: Encontro entre Almas*, da FE Editora (cris@folhaespirta.com.br)

cantinho do evangelizador

A história do brinquedo

WALTHER GRACIANO JÚNIOR

Em meio a tantos brinquedos eletrônicos e outras parafernálias, com as quais, em muitos casos, não há sequer a possibilidade de a criança interagir, há aqueles que atravessaram séculos, com pequenas modificações. Mesmo num mundo onde o brincar é tão efêmero, a garotada fica fascinada quando brinquedos tradicionais são resgatados.

Através dos séculos, os brinquedos propiciaram às crianças a construção de seus sistemas de valores, a possibilidade de interagirem umas com as outras e convivirem de forma harmoniosa com a natureza. A história da origem dos brinquedos, certamente, trará bons momentos para as aulas de evangelização infantil.

Origem

Bolinha de gude - Os povos primitivos já faziam bolinhas com pedra, argila, madeira, ou osso de carneiro. Na Grécia, as crianças também jogavam com castanhas e azeitonas e, em Roma, com nozes e avelãs. As bolinhas de gude mais antigas já encontradas são de pedras semipreciosas e estavam no túmulo de uma criança egípcia, que viveu há cerca de cinco mil anos. No século XV, elas começaram a ser feitas de vidro, em Veneza e na Boêmia. No século XVII, apareceram bolas de gude de porcelana e louça. O uso da bolinha de gude teria sido difundido entre os povos pelas legiões de conquistadores do Império Romano.

Bicicleta - Leonardo da Vinci já tinha estudos sobre a bicicleta, mas sua história oficial começou em 1790, quando um conde francês chamado Sivrac criou o "Celerífero" (celer = rápido, fero = transporte). Era uma bicicleta de madeira, que ainda não tinha pedais nem correntes e era empurrada com os pés no chão.

Pipa - Recheado de lendas e mistérios, o primeiro voo de uma pipa aconteceu na China, há aproximadamente 200 anos antes do nascimento de Jesus. Durante muito tempo, as pipas eram utilizadas como

meio de comunicação entre soldados chineses.

Boneca - A transição das bonecas como ídolos para brinquedos provavelmente ocorreu no Egito, há cinco mil anos. Na Grécia e em Roma, 500 anos antes do nascimento de Jesus, eram conhecidas como "nynpha" ou "pupa" (moça pequena), pois tinham cara de uma pessoa adulta.

Marionetes - Encontradas no Egito, tinham corpo de madeira, cabeça de marfim e serviam de divertimento para os faraós. Em Atenas, no século V antes do nascimento de Jesus, o teatro de marionetes apresentava tragédias gregas.

Pião - A brincadeira do pião existe desde os tempos remotos. Na Grécia, era conhecido como "strombo" e, em Roma, como "turba". No Brasil, o pião é um pequeno objeto feito de madeira, ou metal, tendo na ponta um prego ou ferrão. Com um cordão ou ponteira, enrola-se da ponta ao corpo do pião e impulsiona-o para o chão e este, ao desenvolver-se do impulso, rodopia. O jogador apara o pião em movimento, usando os dedos indicador e médio em forma de tesoura e deixa-o rodar na palma da mão, onde ele gira e/ou ronca até parar.

Ioio - Surgiu na China, há três mil anos, como um jogo delicado, com dois discos de marfim, entre os quais se enrolava um cordel de seda. Muito tempo depois, o jogo se espalhou pela Europa, onde ganhou ornamentos geométricos, que compõem imagens, ao girar. Na Inglaterra, chamou-se "quiz" e, na França, "bandalore". O nome ioio vem do tágalo, a mais importante das línguas da Indonésia.

"Brincar não é perder tempo, é ganhá-lo. É triste ter meninos sem escola, mas mais triste é vê-los enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação humana."

Carlos Drummond de Andrade

(Fonte: A História do Brinquedo, Cristina Von)

papo cabeça

Como anda a sua memória

O que, até há alguns anos, era um problema dos idosos, está aparecendo entre os jovens de forma preocupante. É a perda de atenção e memória. Segundo Ana Maria Alvarez, doutoranda em Fisiopatologia Experimental pela Faculdade de Medicina da USP, "o bombardeio diário de informações visuais (internet e televisão), a falta de boas horas de sono, o excesso de álcool e de medicamentos para dormir, preocupações excessivas e idéias obsessivas podem levar ao esquecimento temporário das coisas". Mas nada é tão perturbador, de acordo com ela, quanto o estresse crônico, que "altera o equilíbrio químico do cérebro e diminui a capacidade de atenção e o interesse. Para combatê-los, a recomendação é básica: exercícios regulares e alimentação saudável".

Especialistas apontam, ainda, a leitura como uma importante arma contra o problema. A compreensão do texto por meio da leitura é um excelente exercício para a concentração, porque permite a troca da imagem visual pela formação da imagem mental.

Para manter a "memória em dia", seguem, abaixo, algumas dicas de especialistas, que servem para todas as idades:

- Seja otimista, sua memória sempre pode melhorar.
- Nunca fuja de atividades que envolvam memorização: tente provar para você mesmo que sua memória pode funcionar bem.
- Pratique atividades que exijam concentração

e raciocínio. Fazer palavras cruzadas e entreter-se com jogos do tipo xadrez e dama também estimulam a capacidade mental.

- Preste atenção às informações que recebe. Caso contrário, os mecanismos naturais de fixação das lembranças não funcionam.
- Para estudar, é mais rentável fazer pequenas pausas de descanso. Manter hábitos regulares de sono e não saltar as refeições também é importante. Nunca faça exames sem ter descansado e com o estômago vazio.
- Se a informação a ser memorizada é longa, divida-a por partes e faça resumos.
- Organize-a, catalogando cada parte por categorias. Tente associar informações a imagens mentais vividas.
- Se, em fases de maior cansaço ou estresse, sente que a sua memória o trai, pare e concentre-se na informação relevante. Repita-a em voz alta.
- Parar, pensar e repetir, ajuda o cérebro a armazenar e recuperar a informação, quando for necessária. É uma forma de memorizar, por exemplo, uma lista de compras.
- Mantenha a lógica em suas tarefas diárias, procurando organizá-las de acordo com critérios de prioridade. E lembre-se: nem tudo deve ser prioridade em seu dia-a-dia.
- Use a sua agenda. Assim você pode registrar muitas coisas sem ter que desperdiçar espaço em seu "computador interno". Pratique!

(WGJ)

"Sou Feliz, Quero Que Tu Sejas Também"

Letra e música de: Anna G. Graciano



Vou caminhando pela rua alegremente
Cantando esta canção que aprendi
Amar a todos e fazer o bem
Eu sou feliz quero que tu sejas também
Más para isso é preciso. Ouvir a voz do coração
E sabe o que ele disse meu amiguinho
Tenho Jesus não sou sozinho.

Medinesp 2007 – 150 anos em busca da integração corpo-mente-espírito

Painel: A Prática do Paradigma Médico-Espírita

Perdão: o caminho do nosso aperfeiçoamento moral

FÁTIMA BARBOSA / CLÁUDIA SANTOS

Classificado pelos dicionários como o ato de desculpar, perdoar é mais do que um simples verbo. É uma das necessidades fundamentais do homem. Isso porque, através do perdão, o homem demonstra disposição moral e esforço contínuo de trabalho íntimo no intuito de querer vivenciar o amor ao próximo e a si mesmo. O perdão é um convite permanente à prática da compreensão, da bondade, da paciência, da tolerância, da humildade, caridade, piedade, indulgência e misericórdia. Paulatinamente, cada uma dessas virtudes vai motivando-nos ao exercício do perdão incondicional das ofensas. E que transformação causa o perdão em nós? Sem dúvida, faz-nos trilhar um caminho que nos leva à paz e ao aperfeiçoamento moral. E esse é o principal ponto.

“O perdão é um ato de amor que revela o grau de aperfeiçoamento moral de quem o pratica. Nossa filiação divina insta-nos, através da evolução, à prática do amor como ética vivencial essencial para manter a harmonia das nossas emoções, promover a alegria de viver, a felicidade de compreender e o privilégio de servir, levando-nos à paz interior e à conquista da saúde integral”, avalia a médica Maria da Graça de Ender, vice-presidente da Associação Médico-Espírita do Panamá.

Segundo Maria da Graça, perdoar significa saber relevar toda e qualquer ofensa em clima de serenidade íntima, revelando nesse proceder a nossa capacidade de amar (compreender, ajudar, perdoar e servir incondicionalmente), em estrita comunhão com Deus. “Claro que a conquista e a prática desse elevado grau de virtude não é obra de uma só encarnação. É fruto de um longo processo, firme e determinado, de progresso evolutivo em que o saber, o sentir e o fazer manifestam um profundo ponto de equilíbrio na ética existencial do ser”, explica.

Folha Espírita – Maria da Graça, por que o perdão pode curar?

Maria da Graça de Ender – Os pensamentos e as emoções negativas sustentadas produzem um grande bombardeio psíquico a toda a fisiologia orgânica, de forma perniciososa, desarmonizando, desestruturando e desintegrando a bioquímica celular, abrindo espaços para a instalação das mais variadas doenças, na sua maioria, de origem psicossomática. Os pensamentos felizes produzem mudanças na bioquímica do cérebro com efeitos muito benéficos na fisiologia. Com a firme disposição da prática do perdão, o indivíduo liberta-se do fator de constrangimento íntimo que lhe desnorteava o funcionamento psicofísico, permitindo-se o fluxo de energias pacificadoras e revitalizadoras, oriundas da alegria de amar, que conduzem à homeostase funcional e, por conseguinte, à cura. Cessada a causa, cessa o efeito.

FE – Qual a química do perdão? Fisiologicamente falando, como o corpo reage?

Maria da Graça – Existe uma profunda inter-relação entre os nossos pensamentos, as nossas emoções e o funcionamento dos nossos sistemas nervoso, endócrino e imunológico no organismo. O ato de pensar ativa a química cerebral. Os neurotransmissores são as substâncias químicas fabricadas pelo tecido cerebral em resposta aos estímulos dos nossos pensamentos. A química cerebral influi na secreção hormonal desde vários pontos do cérebro, em especial do hipotálamo e da hipófise, e os hormônios fabricados, em ritmo de periodicidade biológica, estimulam os distintos órgãos do corpo a distância, produzindo reações específicas. Toda vez que nos permitimos o fluxo dos pensamentos infelizes, guardando ressentimentos, mágoas, raiva, rancores, ódios, culpas ou remoendo qualquer classe de conflitos aflorados em nossa alma em forma de sofrimento íntimo, afetamos a produção dos neurotransmissores. E estes, fabricados nessa situação, estimularão as manifestações físicas adversas à saúde, produzindo distorções no funcionamento das células do organismo, propiciando o enfraquecimento das células do sistema imunológico, que favorecem a instalação de processos mórbidos variados do indivíduo à mercê das próprias escolhas.

FE – E o que acontece quando perdoamos?

Maria da Graça – Diante da opção do perdão, a reação se dá em forma inversa. Os pensamentos felizes de toda índole produzem neurotransmissores que estimulam a correta fisiologia corporal, fomentam a saúde e aumentam a resistência das células do sistema imunológico, fortalecendo-as no combate às doenças. As energias provenientes dos pensamentos de amor, de bondade, de perdão, potencializam o poder organizador da mente na manutenção do fluxo equilibrado das secreções cerebrais, que sustentam a harmonia funcional do conjunto integrado dos distintos órgãos do corpo. Mens sana in corpore sano.

FE – E como praticar o perdão?

Maria da Graça – Entendendo que se trata de um processo, e que, por tal motivo, irá acontecendo por etapas sucessivas, à medida que a pessoa vá amadurecendo a sua capacidade de amar, considerando-se dois principais aspectos: o perdão com relação ao próximo e o perdão com relação a si mesmo.

FE – Perdoar é nato ou é aprendido?

Maria da Graça – Sabemos que as virtudes são adquiridas através da férrea determinação do indivíduo em optar por uma conduta moralmente melhor, de encarnação em encarnação, para aprender, com a experiência, o caminho que leva à paz.

FE – Quem quer perdoar consegue?

Maria da Graça – Quem se dispuser, primeiramente, a entender como se dá o processo do perdão e quiser trabalhar-se, continuamente, em função da meta a ser alcançada, certamente conseguirá perdoar, ainda que talvez não o consiga como queira ou não o faça numa mesma encarnação. O que vai determinar a consecução do objetivo superior é a vontade, a determinação e o empenho em lográ-lo. E isso é absolutamente de foro íntimo, pessoal.

FE – Hoje é possível alguém que consiga perdoar a tudo e a todos?

Maria da Graça – Parece-me que afirmá-lo seria temerário, pois o nosso planeta ainda alberga seres imperfeitos em vias de aperfeiçoamento moral. Entretanto, creio que existam na Terra almas que estejam se esforçando, com muita sinceridade, para aprender a perdoar com muita vontade de acertar.

Benedito Valvassouras



Benedito Valvassouras



Maria da Graça de Ender

“Com a firme disposição da prática do perdão, o indivíduo liberta-se do fator de constrangimento íntimo que lhe desnorteava o funcionamento psicofísico, permitindo-se o fluxo de energias pacificadoras e revitalizadoras, oriundas da alegria de amar, que conduzem à homeostase funcional e, por conseguinte, à cura. Cessada a causa, cessa o efeito”

“Os pensamentos felizes de toda índole produzem neurotransmissores que estimulam a correta fisiologia corporal, fomentam a saúde e aumentam a resistência das células do sistema imunológico, fortalecendo-as no combate às doenças”